



A promessa de Pégaso

Um conto de união e paz



Ouve-me
europa.eu/!XJpfCT

Manuscrito terminado em janeiro de 2025

O presente documento não pode ser considerado uma tomada de posição oficial da Comissão Europeia.

Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2025

© União Europeia, 2025

A política de reutilização da Comissão é estabelecida nos termos da Decisão 2011/833/UE da Comissão, de 12 de dezembro de 2011, relativa à reutilização de documentos da Comissão (JO L 330 de 14.12.2011, p. 39, ELI: <http://data.europa.eu/eli/dec/2011/833/oj>).

Salvo indicação em contrário, a reutilização do presente documento é autorizada ao abrigo da licença «Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)» da Creative Commons (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>). Tal significa que a reutilização é autorizada desde que seja feita uma menção adequada da origem do documento e que sejam indicadas eventuais alterações.

Para qualquer utilização ou reprodução de elementos que não sejam propriedade da União Europeia, pode ser necessário obter autorização diretamente junto dos respetivos titulares dos direitos. A União Europeia não detém direitos de autor em relação aos seguintes elementos:

Pages 7, 11, 15 and 16, © DAIYAN MD TALHA/stock.adobe.com

Print	ISBN 978-92-68-03985-4	doi:10.2775/463237	NA-05-23-109-PT-C
PDF	ISBN 978-92-68-03947-2	doi:10.2775/06334	NA-05-23-109-PT-N

A promessa de Pégaso

Um conto de união e paz

Deixemos a nossa imaginação voar para uma época em que Pégaso, um cavalo majestoso com asas maravilhosamente grandes, vivia lado a lado com os seres humanos e protagonizou numerosas aventuras.

Capítulo 1

Era uma vez um belo cavalo alado chamado Pégaso. Talvez já tenham ouvido falar dele. Durante longos anos, esta criatura magnífica passou os seus dias a planar suavemente nos céus azuis ou a brincar nas nuvens tempestuosas, desviando-se dos relâmpagos, muitas vezes para combater monstros ao lado dos heróis. Mas Pégaso voava agora lentamente e as suas asas batiam com tristeza. Olhando de perto, percebia-se que chorava; as suas lágrimas caíam em direção à terra onde as pessoas viviam.

Pégaso, um eterno viajante, vivera toda a sua vida num continente antigo. Com o passar do tempo, as comunidades que aí viviam juntaram-se para formar numerosos países diferentes. Alguns grandes, outros pequenos; alguns com desertos de areia, outros com glaciares brilhantes; alguns com campos cheios de flores e outros com montanhas majestosas; e alguns ainda com pequenos edifícios quadrados e outros com edifícios altos com pináculos pontiagudos. Os edifícios eram construídos consoante o clima de cada país, utilizando madeira, com desenhos e padrões elaborados. Cada país tinha a sua própria língua, e Pégaso adorava ouvi-las enquanto voava de um lugar para outro.

Com todas estas diferenças, poderia pensar-se que os habitantes destes países nada tinham em comum. Mas não era assim: em todos os países, as crianças riam-se nas ruas a caminho da escola, os agricultores trabalhavam nos campos, os escritores escreviam livros e os músicos tocavam músicas alegres para as pessoas dançarem. Por toda a parte, as pessoas compravam e vendiam alimentos deliciosos e artefactos coloridos nos movimentados mercados de rua e, à noite, todas iam para casa para estarem com as suas famílias e entes queridos. Para Pégaso, todos os países eram bonitos, e gostava de os visitar a todos.

Então porque chorava Pégaso?

Chorava por causa do que via do céu. Ao sobrevoar o continente que tanto amava, percebeu que algo terrível havia começado.

Embora as pessoas tivessem muito em comum, as diferenças entre elas provocavam alguns desentendimentos. Tinham perdido a confiança entre si e começaram a suspeitar e a ter medo umas das outras. Os problemas entre os países haviam aumentado e agora declaravam guerra uns aos outros. Outrora vibrantes e alegres, as comunidades que os habitavam desagregaram-se com a fuga das famílias e o crescimento dos exércitos. As pessoas deixaram de trabalhar, as escolas foram encerradas e os agricultores abandonaram os seus campos. Os destroços dos edifícios bombardeados surgiam, sombrios, por detrás do fumo intenso. Soldados fardados mantinham a guarda em toda a parte, mas ninguém se sentia seguro.

Lá do alto, Pégaso mal podia acreditar no que via. Só conseguia ver dor e sofrimento. Que poderia fazer? Como poderia ajudar? Não entendia por que razão as pessoas se tinham voltado umas contra as outras. Desesperado, fechou os olhos e chorou. Não aguentava mais, por isso, nesse momento, decidiu abandonar o continente que tanto amava. Voou para bem longe das cidades, das montanhas e dos campos, dos glaciares e dos desertos, até começar a descer, por fim, para uma floresta densa e escura. Pousou junto de um rio calmo, recolheu as asas e prometeu a si mesmo: «Nunca mais abrirei as minhas asas, quero escapar da dor da guerra que está a destruir o meu amado continente.» Pégaso vagueou pela floresta durante anos, sem encontrar uma única pessoa. Tinha por companheiros apenas os animais.

Uma manhã, enquanto caminhava em direção ao rio, deparou-se com um grande touro branco a beber água. Ao lado do touro estava uma menina misteriosa, de cabelo preto e olhos escuros. Usava um vestido bonito, com um turbilhão de cores e padrões brilhantes, e, quando se mexia, parecia que pequeninas estrelas flutuavam à sua volta. As cores do seu vestido fizeram Pégaso recordar as várias comunidades vibrantes dos países que deixara para trás. A menina espreitou por cima do pescoço do touro quando este se dobrou para voltar a beber. Olhou para Pégaso e sorriu.

— Bom dia, Pégaso! — saudou-o como se o conhecesse. — Viemos aqui para descansar e beber um pouco de água.

Surpreendido, Pégaso respondeu:

– Sabes quem sou? Já passou tanto tempo desde a última vez que vi um ser humano; achava que todos se teriam esquecido de mim, mas estou muito feliz por te ver.

Antes de lhe conseguir perguntar quem era ou o que fazia na floresta, a menina misteriosa exclamou:

– A sério?! Mas como é que não viste ninguém?

– Normalmente, as pessoas não vêm até esta parte da floresta escura – respondeu ele. – Estão demasiado ocupadas a lutar e a destruir tudo o que construíram. É por isso que estou aqui, para ficar o mais longe possível da guerra – afirmou Pégaso, desviando o olhar.

– Mas, Pégaso – respondeu a menina gentilmente –, a guerra já acabou.

– Acabou? – Pégaso mal podia acreditar no que ouvia. Enquanto pulava, exclamou: – Mas como?! Que ótima notícia! – Lembrava-se, emocionado, da simpatia e da alegria do continente antes da guerra e ansiava por regressar. Pensou que a menina também ficasse entusiasmada, mas, em vez disso, ela olhou para ele com um ar sério.

– Sim, a guerra acabou, mas as pessoas mudaram: estão assustadas e dececionadas. As suas casas foram destruídas e receiam que a guerra deflagre de novo. Perderam a esperança.

Pégaso reconheceu o sentimento de desespero; era um sentimento assustador e solitário. Sabia que precisava de agir.

– Lembro-me de uma época em que os países viviam lado a lado, em paz. Quero recordar às pessoas esses tempos e ajudá-las a reconciliarem-se – afirmou com determinação.

A menina acenou com a cabeça, anuindo.

– Sabes como aproximar as pessoas depois da guerra? – perguntou-lhe.

Pégaso ficou em silêncio por um momento, pensativo, enquanto um pequeno grupo de animais curiosos da floresta se juntava à sua volta e da menina recém-chegada, observando-os.

— A paz só será possível se as pessoas encontrarem algo que seja caro a todos, algo que lhes mostre o que têm em comum. Vou ajudá-los! — afirmou, abrindo de repente as suas enormes asas com determinação. Os animais ficaram maravilhados; nunca antes o tinham visto a estender as suas asas.

A menina concordou:

— Se as pessoas trabalharem em conjunto, em prol de um objetivo comum, verão quais as necessidades que partilham, ganharão confiança e aprenderão a não lutar entre si, mas sim a negociar quando surgirem diferendos. Além disso, descobrirão que são mais fortes quando estão unidas. Que boa ideia, Pégaso!

Pégaso respondeu:

— Vou deixar esta floresta hoje mesmo e juntar-me a eles. Obrigado por teres vindo e por me informares sobre o fim da guerra. Parece que há muito a fazer.

— Desejo-te sorte! — disse a menina. — Gostaria de ir contigo, mas o touro e eu só te atrasaremos na tua missão. Em vez disso, insisto que a minha amiga mais próxima, Pomba, te acompanhe. Tenho a certeza de que farão uma excelente equipa.

Pomba, que estava empoleirada numa árvore próxima, voou na direção de Pégaso e pousou suavemente no chão à sua frente.

— Olá, Pégaso, estou ansiosa por trabalhar contigo.

A menina subiu para cima do touro e sorriu.

— Sei que terão êxito.

O touro começou a correr lentamente e depois acelerou.

— Não me disseste o teu nome! — gritou Pégaso para a menina.

— Europa! — gritou ela de volta, enquanto desapareciam deixando para trás um rasto de estrelas evanescentes.

Pégaso ficou desorientado. Por que razão desapareceu a menina tão repentinamente e como haveria ele de convencer as pessoas a unir-se e a viver em paz?



A história que estás a ouvir é fictícia, mas talvez tenhas detetado alguns elementos em comum com a vida real.

O continente europeu deve o seu nome a uma princesa da mitologia grega, Europa. Segundo o mito, Zeus, o deus do céu e do trovão, apaixonou-se por ela. Transformou-se num touro branco e levou-a para a ilha de Creta, para ali viverem juntos.

A Europa é um dos sete continentes do mundo. Geograficamente e culturalmente diversificado, abrange 44 países, onde vivem mais de 700 milhões de pessoas. Há imensos lugares bonitos com histórias e culturas fascinantes. Muitos dos mais famosos cientistas, inventores, artistas e compositores mundiais, bem como artistas populares e grandes desportistas, nasceram na Europa.

Mas a história da Europa não se limita às grandes realizações. São também muitos os acontecimentos de que não nos orgulhamos. Ao longo dos séculos, os países europeus travaram guerras terríveis entre si. As causas destas guerras eram normalmente o poder e a propriedade, ou a religião. No século XX, duas grandes guerras tiveram início no continente, acabando por envolver países de todo o mundo — é por esse motivo que são conhecidas por «guerras mundiais». Mataram milhões de pessoas e deixaram a Europa empobrecida e em ruínas.

Os europeus ficaram destroçados com as perdas e a destruição e assustados em relação ao futuro. Que seria possível fazer para impedir uma nova guerra entre os países europeus? Poderiam os seus diferendos ser resolvidos por outros meios que não a luta? Vamos ouvir o próximo capítulo para ficarmos a saber o que acontece na história de Pégaso.

Capítulo 2

Pégaso olhou fixamente para o ponto do horizonte onde a menina tinha desaparecido. Embora ainda tivesse muitas perguntas, sabia que não havia tempo a perder. Abriu as asas e, com Pomba ao seu lado, sobrevoou a floresta uma última vez, despedindo-se dos seus amigos animais antes de iniciar a viagem. Pouco depois, já podiam avistar grandes cidades à distância e pequenas aldeias por baixo de si. Já não se via fumo a sair dos edifícios, mas também não se ouviam gargalhadas nem música. Sentia-se um ambiente pesado: as pessoas estavam sentadas com ar sério e cabisbaixas.

— É terrível ver estes países e os seus povos num estado tão lamentável. É preciso dar-lhes esperança e orientá-los rumo a uma paz duradoura — afirmou Pégaso, pensando em voz alta.

— Antes de mais, é preciso descobrir o que é importante para as pessoas — respondeu Pomba. — Vamos descer e tentar falar com elas — sugeriu Pomba. — Se viajarmos de lugar em lugar e falarmos com um número suficiente de pessoas, poderemos encontrar algo que seja importante para todos.

Pégaso pousou suavemente nas proximidades e galopou em direção ao grupo, com Pomba a voar ao seu lado. As pessoas levantaram-se, assustadas com o cavalo alado que aparecera no céu.

— Não tenham medo! — gritou Pégaso, aproximando-se mais lentamente. — Estamos aqui porque queremos conversar.

As pessoas olharam, duvidosas, para os seus visitantes inesperados.

— És tu, Pégaso? — perguntou uma mulher com os olhos arregalados, em descrença.

— Sou! — confirmou ele.

— Não te vemos a voar nos céus há anos! Pensámos que te tinhas ido embora para sempre.

Pégaso baixou a cabeça, como quem pede desculpa.

– Fui-me embora quando a guerra começou, mas fiquei muito feliz quando soube que tinha terminado. Regressei o mais rapidamente possível e, de facto, vim aqui para vos ajudar a construir um futuro mais pacífico.

Um dos homens interveio. Tinha um ar cético no rosto.

– As guerras terminaram, sim, mas duvido que consigas encontrar uma forma de alcançar uma paz duradoura. – Outros, entre a multidão, murmuraram em acordo.

– A paz nas nossas terras seria a concretização de um sonho – afirmou a mulher de há pouco –, mas enfrentamos agora outros problemas. As nossas casas ficaram destruídas e não dispomos da madeira necessária para as reconstruir. Sabemos como fazê-lo – afirmou, apontando para uma grande serra e bancada de trabalho que haviam sido utilizadas para cortar árvores em longas tábuas de madeira –, mas as florestas arderam. Não existem árvores aqui.

– Como não há madeira, também não podemos fazer lume para cozinhar as nossas refeições e aquecer as nossas casas – acrescentou outra pessoa.

– Era ali que alguns de nós trabalhavam antes da guerra – disse o homem cético de há pouco, apontando para a montanha por trás dele. – Costumava ser uma plantação de árvores que geríamos com cuidado, para fornecer madeira a toda a nossa cidade, mas agora desapareceu.

Uma mulher idosa interveio então:

– Sem madeira, não conseguimos reconstruir nada. Só queremos viver a nossa vida em paz, mas a guerra esgotou completamente e destruiu tudo o que precisamos para nos sustentar.

Pégaso e Pomba ouviram atentamente as pessoas. Havia muito em que pensar. Quando todos terminaram de partilhar as suas preocupações, Pégaso e Pomba agradeceram-lhes e seguiram viagem.

Em todos os países que visitaram, as pessoas queriam que a paz durasse, mas também falavam da dificuldade em encontrar madeira para reconstruir as suas casas, cozinhar os seus alimentos e manterem-se aquecidas.

— Isto pode ser aquilo que une as pessoas — afirmou um dia Pomba, enquanto voavam para outra cidade.

— O quê, exatamente? — perguntou Pégaso.

— As árvores e a madeira.

— A madeira trará paz? — perguntou Pégaso, confuso. — Estás a dizer que um simples pedaço de madeira trará paz ao povo?

Pomba sorriu sabiamente.

— Lembras-te de que dissemos que teríamos de tentar perceber o que é importante para todos? A madeira é importante porque, sem o tipo adequado de madeira, as pessoas não conseguem fazer ferramentas, construir casas, cozinhar os seus alimentos e aquecer os seus lares.

Pégaso percebeu, mas achava que a madeira não era a única coisa que as pessoas consideravam importante.

— Em todos os lugares onde estivemos, as pessoas também afirmaram que queriam deixar de lutar. Isso significa que a paz também é importante para elas.

Pomba concordou:

— Se conseguirmos que os povos dos diferentes países colaborem para plantar as suas árvores e cortar madeira, eles unir-se-ão em torno desta atividade e talvez percebam que também têm outras coisas em comum. Poderá ser o início da manutenção da paz entre os países.

Os olhos de Pégaso iluminaram-se com entusiasmo.

— Se existir paz numa região, esta poderá servir de inspiração para outros lugares, e as pessoas aprenderão a colaborar em muitas outras questões!

— Temos de reunir os líderes destes países e explicar-lhes a nossa ideia de que colaborar para plantar árvores e cortar madeira poderá ser o caminho para evitar a guerra — afirmou Pomba.



A ideia de Pégaso e Pomba de unir os povos do seu mundo através da partilha de um recurso como a madeira reflete uma história que aconteceu na vida real.

À semelhança da guerra na história, as guerras na Europa provocaram destruição e massacres terríveis. A Europa foi deixada em ruínas. Os líderes dos países europeus precisavam de um bom plano para impedir que coisas tão horríveis se voltassem a repetir. Um francês chamado Jean Monnet refletiu profundamente sobre esta questão e deu-se conta de que um país precisava de duas coisas para declarar uma guerra: ferro para produzir aço para o fabrico de armas e carvão para fornecer energia às fábricas e aos caminhos de ferro. A Europa tinha muito carvão e aço, por isso é que os países europeus puderam fabricar armas e entrar em guerra. Jean Monnet sugeriu, então, um plano que nunca tinha sido experimentado: se fosse possível persuadir os dois antigos rivais, a Alemanha e a França, a colaborarem na produção do seu carvão e aço, a guerra entre eles tornar-se-ia mais difícil, pois aprenderiam a ver para além das suas diferenças. Jean Monnet falou desta ideia ao seu amigo Robert Schuman, que era ministro do Governo francês. Robert Schuman achou que era uma ideia brilhante e anunciou-a, num discurso, em 9 de maio de 1950. Este foi o início do projeto de paz que hoje designamos por «União Europeia».

Achas que Robert Schuman estava preocupado com a reação das pessoas ao plano para unir a Europa? Achas que foi fácil para os países da Europa unirem-se? Vamos ver o que acontece com o plano de Pégaso e Pomba.

Capítulo 3

Nas semanas seguintes, Pégaso, com a ajuda de Pomba, reuniu os líderes e os povos dos diferentes países. Que visão maravilhosa quando todos, finalmente, se juntaram num único lugar! O coração de Pégaso pulou de entusiasmo quando os viu todos juntos. Recordou-se dos tempos anteriores à guerra. As suas línguas e culturas e o aspeto das suas roupas eram diferentes, mas também tinham muito em comum. Todos queriam felicidade e paz para as suas famílias. Era bonito vê-los novamente juntos.

— Caros amigos — começou Pégaso —, agradeço-vos por terem vindo aqui hoje. Foram convidados a participar neste encontro para vos sugerirmos que, se todos os vossos países colaborarem na plantação de árvores e na recolha de madeira, será possível uma paz duradoura.

— Plantar árvores evitará a guerra? Como?! — perguntou um dos líderes, incrédulo.

— Se todos os países plantarem árvores que floresçam no seu ambiente e se todos concordarem em trocar a madeira com os outros povos, todos terão acesso igual a estes materiais essenciais. Isto reduzirá as tensões entre as vossas comunidades e incentivar-vos-á a manterem diálogos abertos e amigáveis, para negociarem uns com os outros em vez de lutarem. Além disso, algumas madeiras são fortes e melhores para construir casas, outras são muito secas e mais adequadas para acender o lume, cozinhar os alimentos e manter-vos quentes, e outras há que são coloridas e belas quando esculpidas para criar artefactos, como os que costumavam vender nos vossos mercados antes da guerra. Ao trocarem a madeira que produzem pela madeira dos vossos vizinhos, todos aprenderão a partilhar. Nenhum país se tornará mais forte do que os outros e todos irão prosperar — explicou Pégaso.

— Mas todos os países são diferentes e todos falam a sua própria língua — contestou um líder. Como trabalharemos em conjunto?

Pégaso estava prestes a responder quando, de repente, uma velha falou no meio da multidão:

– Lembro-me dos tempos em que os povos dos diferentes países negociavam entre si. Encontrámos formas de comunicar e até nos tornámos amigos, apesar das nossas diferenças. Por isso, é possível!

– Sim, também me lembro disso! – exclamou outra pessoa. E mais pessoas na multidão repetiram estas palavras.

– A paz é possível! – acrescentaram outros.

– Sim! Queremos paz! – gritou a multidão.

Pégaso sentiu alívio e alegria ao ouvir estas exclamações. Quando a multidão se acalmou, Pégaso deixou um último conselho aos diferentes países:

– A paz e a colaboração não acontecerão de uma só vez, mas, dando pequenos passos, criarão confiança e laços reais entre vós ⁽¹⁾.

Naquele dia, houve grandes celebrações à medida que se espalhava a notícia de que os povos tinham optado por trabalhar em conjunto em prol da paz.

As pessoas uniram esforços e começaram a partilhar as reservas de madeira entre si, colaborando para gerir este material precioso, de que todos dependiam. No início, mostraram-se relutantes e um pouco assustadas, no entanto, com o passar do tempo, aprenderam a confiar umas nas outras e perceberam que os seus vizinhos também queriam vidas pacíficas e felizes. Compreenderam que é melhor viver a vida em conjunto, não como inimigos, mas sim como amigos. O sonho de Pégaso de ver os povos a colaborarem para construir a paz, a prosperidade e a unidade começou a ganhar forma. Aquilo por que antes lutavam era agora o que os unia.

Um dia, muitos anos depois, Pégaso e Pomba voavam juntos, olhando para baixo para os países por onde passavam. Viram que as pessoas tinham melhorado muito: os danos causados pela guerra haviam sido reparados, foram plantadas novas árvores e os países estavam novamente povoados por aldeias e cidades movimentadas. As crianças brincavam nas escolas

⁽¹⁾ Versão de um excerto da Declaração Schuman.

e as pessoas dançavam, criavam, trabalhavam e partilhavam entre si. As diferentes comunidades viviam em paz e ajudavam-se umas às outras. A sua ideia tinha tomado forma lentamente e os países tinham até decidido eliminar as fronteiras entre si, porque as pessoas gostavam de se visitar e de aprender as línguas umas das outras, o que levou à criação de muitas novas amizades. Pégaso sorriu, feliz, ao lembrar-se de Europa, a menina de vestido colorido que conhecera junto ao rio, há tantos anos. Como ficaria orgulhosa!

Pégaso voltou-se para Pomba, enquanto voavam alto no céu, e exclamou:

— Os países estão agora unidos na diversidade! Conseguimos!

— Sim, é bonito de ver — disse Pomba, acenando com a cabeça. — Mas as pessoas não podem desleixar-se! São conquistas duramente conseguidas, que podem ser ameaçadas se as pessoas esquecerem o motivo por que decidiram unir-se.

Pomba e Pégaso abrandaram o ritmo, silenciosos, em reflexão. De repente, Pégaso disse para Pomba:

— Embora possam surgir novas dificuldades, no futuro, que ponham em causa a paz que vemos hoje, acredito que as pessoas encontrarão força na unidade e hão de colaborar para encontrar novas soluções para os problemas.

Pomba sorriu calorosamente, concordando, e continuaram o seu caminho com uma esperança renovada.



Os povos da história que acabámos de ouvir conseguiram finalmente, partilhando a produção de madeira, encontrar uma forma prática de alcançar a paz entre si. Do mesmo modo, na vida real, os europeus conseguiram alcançar a paz colaborando na produção de aço e carvão. Esse seria o início da União Europeia, designada por «UE».

Tal como na história, a mensagem de paz e solidariedade propagou-se de alguns países para muitos outros. A União criada entre os países da Europa começou com seis países e alargou-se até incluir os 27 que fazem atualmente parte dela.

Na União Europeia, respeitamos as culturas e as línguas uns dos outros. Não é só por fazermos parte de uma união que perdemos aquilo que nos torna únicos. Ao contrário do que acontecia no passado, celebramos agora as nossas diferenças e aprendemos uns com os outros, unidos. A União Europeia adotou uma bandeira com 12 estrelas amarelas em círculo para simbolizar esta unidade e cooperação.

A União Europeia tem também o seu próprio hino e um dia especial em que celebra a paz que alcançou. O hino europeu é o *Hino à Alegria*, baseado na *Nona Sinfonia* do famoso compositor Beethoven. O dia da celebração é designado por «Dia da Europa» e é comemorado a 9 de maio. Lembras-te de quando falámos de Jean Monnet e Robert Schuman há pouco? Robert Schuman proferiu o seu discurso a 9 de maio e é por isso que celebramos a paz e a unidade em toda a União Europeia nesse dia.

Atualmente, os europeus trabalham em conjunto de várias formas: muitos países europeus utilizam a mesma moeda, o euro. (Fica atento para ver se encontras a Europa e o touro branco impressos em algumas moedas e notas de euro!) Além disso, os cidadãos da União Europeia podem trabalhar, estudar e viajar nos países uns dos outros, sem burocracia desnecessária ou sem necessitar de uma autorização especial.

A história que ouvimos sobre Pégaso e a guerra no continente tem um final feliz, mas, infelizmente, no nosso mundo ainda existem lugares onde as pessoas lutam. Tal como Pégaso, temos um papel a desempenhar: garantir que o princípio «unidos na diversidade» perdura, para que, esperemos, mais pessoas possam viver juntas em paz e desfrutar das diferenças entre si. Cabe-nos a nós escrever o próximo capítulo da nossa história, com paz e prosperidade para todos como objetivo!



Ouve-me
europa.eu/!XJpfcT



Serviço das Publicações
da União Europeia